

L. LAVENERE

MACEIO

ANTIGO

1940

Palestra feita por L. Lavenère, no Centro de Cultura “Emilio de Maia”, no dia 4 de dezembro de 1940

Convidaram-me para vir falar-vos aqui, nesta sociedade de jovens, a mim que tão longe ando da mocidade, tão estranho devo parecer neste mundo novo, com a minha bagagem de trastes velhos, que não encontram lugar nos modernos aposentos, onde somente tudo novo é que flori e viceja, tudo novo é que tem encanto e beleza!

Não recusei, e vim falar de velharias, porque ainda não morreu no espirito da juventude o atrativo que oferece a historia antiga.

Não creio existir alguém que deixe de ficar contemplativo diante de uma obra d’arte rudimentar de epocasprehistoricas, não sinta passar pela imaginação o cenario do mundo em que viveu o artista anonimo, não deseje saber como viviam, como pensavam, que faziam, que falavam.

O passado tem tanto misterio quanto o futuro.

De um seculo a outro uma geração ignora o que viram seus avòs, e não foi registrado em documentos escritos.

Os proprios documentos tornam-se incompreensíveis, porque muda a linguagem, mudam os costumes, muda a mentalidade, interpretações duvidosas induzem investigadores a afirma erros historicos.

É mais interessante ouvir dos velhos a narração do que eles testemunharam, ainda que lhes possa muitas vezes falhar a memoria, e lhes parecer que tudo no seu tempo de mocidade era muito melhor do que no tempo da velhice.

Verdade é que tem havido muitas coisas boas que se acabaram, ao lado de muitas outras más desaparecidas.

Tempos houve em que se escreviam cronicas, relatos dos acontecimentos contemporaneos, e nesses documentos vai o historiador buscar materia para pesquisas.

Não se faz isso em nossos dias. A nossa história será talvez, mais difícil de contar daqui cinquenta anos, do que a história das conquistas de Alexandre.

Por isso é que começa o cuidado de reunir e registrar cantos populares, lendas, crendices, e tudo que deveria de desaparecer com as gerações extintas.

Pensando que gostaríeis de ouvir dizer e que fomos na carga de cem anos, de saber como viviam nossos avôs, venho contar-vos algumas coisas que vi no século passado.

Não será preciso ir muito longe para vos falar de coisas quase desconhecidas da atual geração, pois esta cidade fez tão rápido progresso, transformou-se tão rapidamente em cinquenta anos, que um homem da minha idade pode indicar aos moços lugares que foram cobertos de matas e estão hoje cortados de ruas cheias de prédios elegantes.

Da mesma maneira, quase todos os nossos costumes velhos foram substituídos pelos modernos.

Ganhou com isso a sociedade?

Si disser que não ganhou poderei cair no vazo dos velhos que se lamentam de ver correr o tempo destruindo as belas coisas de sua mocidade.

Começemos pela família.

Hoje talvez, não se compreenda muito bem qual a influência que teve a família na sociedade antiga, pois que, rigorosamente falando, perdeu todo o seu valor de há cinquenta anos, quando constituía o estio da sociedade.

Como se sabe, a família foi uma aglomeração de caráter religioso, o ainda no princípio do século presente os laços de parentesco prendiam mais os indivíduos uns aos outros do que nos dias atuais.

Famílias numerosas engrossavam fileiras dos partidos políticos, tornavam-se poderosas e dominavam regiões de províncias e províncias inteiras.

A autoridade do pai mantinha a disciplina

### 3

severa em que viviam as famílias do século passado.

Auxiliando essa autoridade vinha a do mestre, na escola primária.

O pai, o mestre confundiam-se na responsabilidade de educar a criança.

Não estou fazendo fantasia literária; existem livros em que se encontram provas do que acabo de dizer.

Uma pode ser apreciada na última quadrinha do hino que se cantava ao encerramento das aulas:

Sem rigos, sem vis castigos,  
Rindo, a escola nos atrai.  
Tem o mestre em nós amigos,  
Temos nele amigo e pai.

A autoridade do mestre não se limitava dentro da escola em qualquer parte em que se encontrassem, discípulo e mestre, os mesmos laços de respeito, obediência e submissão continuava a uni-los.

A escola primária do século XIX não era melhor do que a deste século relativamente aos métodos de ensino; mas, era melhor no sentido educativo.

Os livrinhos de leitura estavam sempre cheios de máximas como esta:

“Escutai, meninos, os conselhos dos vossos pais e de vossos mestres, a fim de serdes felizes.”

Hoje não hamestres, haprofessores que com dificuldades várias conseguem manter disciplina dentro das aulas, somente durante as lições.

Entre o pai e o mestre havia quase igualdade de direitos, o que não pode haver entre pais e professores, simplesmente professores.

Havia o costume de pedir a bênção aos pais.

Nenhuma criança se recolhia ao leito sem

#### 4

sem cumprir esse dever. Da mesma maneira quando se apresentava na sala, depois do despertar.

Na rua, em qualquer lugar os que se encontrassem, mesmo que já fossem homens feitos, nunca os filhos deixavam de erguer a mão pedindo a benção ao seu pai.

Nas escolas, tambe, os meninos entravam pedindo a benção do mestre.

Ainda hoje, no interior, bem longe das cidades civilizadas, as crianças costumam pedir a benção das professoras, que sorriem, modernas, da matutice das pobrezinhas.

A escola era, como se vê, uma verdadeira continuação do lar.

Como se fundava esse lar?

Sob a autoridade da Igreja Catolica, pois, era o catolicismo a religião oficial e tradicional, ensinada obrigatoriamente nas escolas.

O casamento religioso, unico praticado, indissolúvel, sacramento, de origem divina, era o fundamento da familia digna de fazer parte da sociedade.

A mulher que se separava do marido, mesmo com as maiores razões, tinha que se separar igualmente da sociedade.

A que vivesse em união ilegítima era absolutamente repudiada pelas familias legitimamente constituídas.

O seculo XX caiu no extremo oposto: querendo diminuir os rigores dos costumes do seculo XIX, fez o casamento perder quase todo o seu valor moral, equiparando-o a uniões fortuitas, de duração incerta, exaltando o amor livre.

Ate meados do seculo XIX conservou o pai o direito de aprovar ou desaprovar a escolha das filhas, no tocante ao casamento.

Esse direito foi diminuindo, e no fim daquele seculo já não impunha mais o marido do seu agrado; mas, a anuencia do pai era indispensavel.

## 5

Não obstante todo esse rigor paterno, as mães representavam no lar o anjo consolador das filhas, o não raros eram os casamentos de amor, precedidos do namoro romantico fartamente cantado pelos poetas.

Naquele tempo de simplicidade e candura os namorados so se comunicavam por meio da linguagem dos olhares e das flores, ate que alcançassem a confiança da familia.

Então poderia a namorada receber um beijo furtivo na pontinha dos dedos, e assim mesmo o pobrezinho do seu coração palpitava apressadamente e as suas faces cobriam-se de ardente rubor.

Mandavam-se beijos, como os de Guimarães Passos, voando sobre lenços húmidos de lagrimas...

Que diferença entre aquele beijo, suave, terno, e o beijo bruto, sensual, beijos de canibais, que ensinou o cinema americano.

Era assim que falavam os poetas:  
De leve beijo as suas mãos pequenas,  
Alvas, de neve, e, logo, um doce, um breve  
Fino rubor lhe tinge a face, apenas  
De leve beijo a suas mãos de novo.

Ela vive entre lírios e açucenas  
E o vento a beija, e como o vento, deve  
Ser o meu beijo em suas mãos serenas;  
Tão leve o beijo, como o vento è leve,

Que essa divina flor, que é tão suave,  
Ama o vento que é leve, e como leve adejo  
Do vento ou como um garganteio de ave.

E já me basta, para meu tormento,  
Saber que o vento a beija, e que o meu beijo  
Nunca será tão leve como o vento...

Isso dá uma ideia de grande pureza de costumes

6

da sociedade do século passado.

A palavra dada por aquele que pretendia unir-se à sua amada, pelo sacramento do matrimônio, era uma promessa sagrada; como, aliás, todas as promessas daquele tempo em que o perjúrio infamava.

Os próprios homens respeitavam esses compromissos de namorados, sendo raro tomar a noiva alheia, semescandalo muito comentado.

O papel das mães era muito grave na família.

Como o pai vivia, durante o dia, fora do lar, único responsável pelo sustento da casa, cabia à esposa a responsabilidade da educação doméstica.

As moças nunca andavam sós, a passeio, sobre tudo a noite.

Não conversavam com os rapazes senão na presença das mães; eventualmente o a furto, à janela da própria casa, ainda assim vigiadas pela irmãzinha ou pela criada confiante.

Note-se que já existe hoje essa função de criadinha confiante e portadora de recadinhos amorosos; não só as criadas de hoje perderam o direito às confidências das meninas da família, como a liberdade dos encontros nas ruas, a qualquer hora, suprimiu a função das confidentes.

Então, a posição do pretendente não declarado era melhor do que a do noivo oficial, como hoje se chama.

Enquanto não se desconfiava das intenções do visitante a sua assiduidade era tolerada.

Logo que se notava o excesso de visitas, provocava-se uma explicação, e ou o rapaz ausentava-se se não convinha aos pais admiti-lo na família, ou fazia logo o pedido de casamento, uma coisa solene, como deve ser.

Dahi por diante teria o noivo dias marcados para as visitas, ordinariamente semanais.

A vigilância das mães era maior entre professor e discípula.

Recentemente, um artigo no jornal traz a pergunta — pode um medico apaixonar-se por uma cliente bonita? — à qual respondeu o dr. Nicolau Ciancio: Não!

No seculo passado tambem o professor não tinha o direito de se apaixonar pela discípula; não obstante muitas paixões entre os dois nasceram, que deviam ocultar-se e, ás vezes, extinguir-se.

Um poeta descreve cena frequente dessa época:

Nunca o moço as vê a sós com ela,  
A mãe, cosendo junto da janela,  
Sempre assiste as lições.  
Mas, por mais forças que ele em si reúna.  
Sente, em presença da formosa aluna,  
Febris perturbações.  
Tem por ela sincero sentimento;  
Porem que esconder, como avarento,  
O recatado amor.  
Não dando mostra da paixão imensa,  
Afeta a mais perfeita indiferença,  
Como hábil professor.  
Julga a aluna uma estatua inerte e fria,  
E, para convencer-se, quer, um dia,  
Ouvi-la conjugar  
Uma palavra bela, um verbo ardente,  
Que faz pulsar o peito adolescente,  
O doce verbo amar!  
—Diga o futuro deste verbo. E ela,  
Faz leve alteração na face bela,  
Responde: — Eu amarei.  
Muito bem, mas, si o tempo for passado?  
Ela diz friamente: —Eu tinha amado.  
Ou antes: Não amei.



## 8

—Como se chama este modo: Eu amaria?

A moça lhe respondeu sempre fria?

—Condicional lhe chamo.

—Diga o presente do Indicativo. A medo,

Corando, diz: — Eu amo!

Senhoritas!

Vós éreis, em outros tempos, imagens de anjos que se adoravam, símbolos de inocência, fadas encantadoras que povoavam os nossos sonhos de ilusões doiradas, rainhas dos nossos corações, vida da nossa vida, e quereis perder tudo isso, espocando essas execráveis doutrinas materialísticas que teem feito a ruína dos nossos ideais, a desgraça da nossa existência!

Acusam o feminismo de haver destronado a mulher, de haver-lhe tirando a soberania de que antes gozava.

É falho.

As feministas queriam e querem somente a igualdade de direitos, a liberdade de trabalhar quando tiverem necessidade.

No século passado, a mulher só tinha um destino na vida: o casamento.

Falhando esse, haveria de ser parasita do homem, vivendo á sua custa.

Nas pequenas cidades, quando a vida era fácil, no campo, quando a carga da família não pesava muito aos ombros do homem, a mulher não sentia a necessidade de trabalhar.

Já em meio do século passado começou aqui campanha pela emancipação econômica da mulher.

Mas, entende-se bem, ninguém falou em anular na mulher as qualidades femininas, ou afastá-las do honroso posto de esposa e mãe.

Foram o seus inimigos, os despeitados pela concorrência inesperada, que se vingaram, aviltando suas competidoras, iludindo-as com promessas de

## 9

maiores liberdades, em troca de honestidade e de todas as virtudes que exclusivamente pertencem á mulher, seja a filha carinhosa e obediente, a noiva virgem e pura, a esposa fiel ,a mãe amorosa e vigilante.

No século que passou não se conhecia isso que se chama bolchevismo ou comunismo, doutrina que começou pelo trabalho de despudorar a mulher, e semeou a infidelidade no lar, dissolveu a família, criou o amor livre e pregou abertamente o ateísmo.

Nem por isso deixou de haver mulheres guerreiras, mulheres patriotas, mulheres que deram a vida pela vida dos outros, mulheres ilustres nas ciências e nas artes, sem perda das excelsas virtudes feministas.

Podeis ser, como hoje, médicas, advogadas, funcionárias, comerciantes, artistas, e conservar, como ontem, candura, virgindade, pudor, fidelidade, castidade, e continuar, como sempre, a ter em vossas mãos o cetro de rainha da humanidade, e merecer ainda o título de OBRA PRIMA DE DEUS.

Não quero afirmar que fosse tudo, no século XIX, um mundo de coisas perfeitas.

Havia exceções, como hoje; maus esposos, maus filhos. A regra era porém, o respeito aos pais, aos mestres e aos mais velhos.

O irmão mais novo reconhecia a autoridade do mais velho.

Deixamos a família na sua vida interior.

O trabalho externo era mais regular e menos estafante do que hoje: começava geralmente às 9 horas, nas escolas, nas repartições públicas e terminavam, nas primeiras, às 2 horas; nas segundas, às 3.

O comércio abria às 6 horas da manhã e fechava às 9 da noite, sem interrupção.

Esse trabalho não era fatigante, como parece, porque havia tempo para tudo; ao passo que

## 10

hoje, nas quatro horas da primeira parte do dia, todos desejam liquidar logo seus negócios, e os Bancos enchem-se de clientes, lojas, de freguezes, forçando uma atividade excessiva dos empregados.

Não raro, em casas de grande movimento, às oito horas não são o suficientes para o dia de serviço, que se prolonga pela noite, de portas cerradas, como se o trabalho fosse coisa deshonesta que se devesse esconder!

As dansas em voga eram a polka, valsa, oschottisch, amzurka, a quadrilha francesa, os lanceiros; a varsoviana e o pás do quatro, um tanto raro.

Nos bailes havia um programa impresso em um carnet guarnecido de um pequeno lápis preso a um cordel de seda, para se anotar o nome do parceiro.

O cavaleiro era quem tomava a iniciativa de tirar a dama, antes do início das danças ,escrevendo seu nome no carnet ,ao mesmo tempo que a moça escrevia no seu o nome do cavaleiro.

Havia um intervalo entre duas partes do programa, destinado ao chá.

Uma mesa era para as moças e senhoras, em que se serviam bolinhos, chá, café, etc. outra para os rapazes, ali havia ordinariamente peru assado,bolos,cerveja,vinho etc.

Não falsavam os brindes no estilo empolando da época.

Certas regras de civilidade eram observadas sem o minimo constrangimento:

As senhoras tomavam o lugar no salão, os cavaleiros formavam grupos em outras salas.

Momento antes das danças,os cavaleiros tomavam seus pares escolhidos,e organizava-se a primeira quadilha.

Terminada cada dança era dever do bom cavaleiro dar uma pequena volta pelo salão, com a sua

## 11

dama ao braço,levá-la ao buffet,oferecer-lhe um bolinho,um cálice de licor,e tornar no lugar onde tirara para dançar.

Era nessas ocasiões que trocavam juras e promessas de amor, que se faziam declarações... que os namorados podiam se encontrar juntos,isolados no meio da multidão.

Como tudo isso a diferença das danças de hoje!

Então si dansassem mais de três vezes com mesmo cavaleiro, si se aproximassem de mais do seu par, não somente todos notariam como as mães não deixariam de representar as filhas.

Acentuando as do carnaval, da semana santa,de Santo Antonio,S. João e Natal,e a tradicional dos Martiraos,não tínhamos festas ruidosas.

Esses de hoje banhos de mar de fantasias seriam há setenta anos altamente escandalosos.

Até os fins do século XIX mandavam algumas famílias construir cabanas a beira da praia, para nelas mudar de roupa, pois não era costume transitar pelas ruas com vestidos de banhos, ainda que cobertos de roupão ou capa.

As roupas de banho eram feitas de lã e cobriam do corpo,apertadas nos tornozelos,ao pescoço,e mangas até os punhos,que para os homens quer para as mulheres.

A hora,habitual dos banhos era entre 4 e 5 horas da manhã,e algumas vezes,as noites de luar entre 8 e 9 da noite.

Não se falava em banhos de sol, nem em esports balasianos.

Os exercícios físicos, e atletismo, eram coisas próprias de artistas de circo.

O primeiro colégio que ministrou ensino de ginastica foi o de nome Bom Jesus, do grande educador ele foi Franscico Domingues da Silva; mas, ensino ginastico que as conhecia, exercícios de trapesio, barra fixa e argolas.

## 12

Pergunto eu agora:

Eram melhores os costumes do século passado?

Houve vantagens para nossa educação em abolir aquelas severas de civilidade?

Sem cair no erro dos velhos que veem com aversão todas as manifestações do progresso espírito, digo que as desvantagens da educação atual feriram somente as mulheres.

É somente as mulheres que esta perdendo, cabe-lho a tarefa de rehabilitar a nosssa sociedade.

Não será para meus dias; mas, creio que este descalabro educacional um dia passará.

Seria para desejar que centros de cultura como este não se limitassem à atividade no campo da inteligência.

Seria inquestionável proveito que também cuidassem de restituir-lhe aqueles bons costumes que faziam do lar um templo de virtudes.

Que os homens tomassem o compromisso de não abusar da ingenuidade da mulher inexperiente, confiante nas falsas promessas, de não perderem os bons sentimentos da moral do século passado, e veem com tristeza essas degradantes cenas de impudor que praticam com a maior naturalidade, como si nenhum mal dahi resultasse.

De certo ganharíamos todos, desde as nossas famílias, ate a própria nação, porque as virtudes que se aprendem no lar será levadas sem esforço à vida publica

Vós homens sois do futuro; alguns dentre vós serão governantes nesta paiz, ainda ainda em formação política; pensei bem no caminho que havereis de escolher, si esse que se abriu a sombra das doutrinas materialistas, si o velho caminho da cruz do Cristianismo, que foi o guia sempre seguro da antiga civilização.

Os homens estão perdendo a cabeça, empenha-

## 13

dos em guerras e lutas políticas; restam as mulheres para criar nova geração educada melhor para conserva a paz no mundo.

Parodiando o divino orador do famoso sermão da Montanha, dirijo as vós, mães amorosas de vossos filhos:

“Vós sois a luz do mundo. Assim brilhe diante dos homens para que vejam vossas obras” e as imitem.

E a vós, gentis senhoritas:

Vós sois o sal da terra; si o sal se desvirtuar com que lhe de restituir a virtude?

Sede virtuosa como foram vossas irmãs do seculo passados; fechai vossos ouvidos as palavras enganadoras daqueles que tentam desvir- vos do bom caminho.

O símbolo da serpente tentando Eva a desobedecer a Deus à reproduzido na figura do vossa mãe descuidada ou demasiadamente confiante na vossa força de resistir as tentações.

Aqui vos deixo benévolos ouvintes, que me suportaste até agora.